

B

DIVULGAÇÃO

PROGRAMA-SE
A cantora
Rose D' Paula
é a grande
atração do
evento Noite do
Romantismo.
Hoje, às 22h,
no Clube Fênix
Alagoana. B3

Sábado 21/03/2015

"A POESIA É A LINGUAGEM ESSENCIAL, A LINGUAGEM DA LIBERDADE"



"Não vejo a
língua nacional
como um
instrumento de
dominação das
elites; vejo-a
como um fator
de soberania
nacional e de
união"

ARRIETE VILELA
ESPECIAL PARA A GAZETA

Alagoana, nascida em Palmeira dos Índios, a professora Maria Heloisa Melo de Moraes é aposentada da Universidade Federal de Alagoas (Ufal) e doutora em Letras pela mesma universidade. Embora tenha lecionado também Língua Portuguesa, sua preferência sempre foi pelo ensino de Literatura. Após a aposentadoria, lecionou em faculdade particular e em vários cursos de pós-graduação.

Publicou os seguintes livros: *Cor, som e sentido: a metáfora na poesia de Djavan* (publicação em livro da Tese de doutorado); *Poesia alagoana hoje: ensaios* (org.); *Itinerário geográfico-poético de Mendonça Jr. Maceió* (obra vencedora do Prêmio Nacional da Academia Alagoana de Letras de 2008); *Encontros com a poesia de Osvaldo Chaves* (organização, em parceria com a prof. dra. Jeruzi Tomaz); *Modos de dizer: textos e canções; Memória e ficção: a narrativa de Aloisio Costa Melo* (org.). Suas pesquisas voltam-se principalmente para a literatura infantil, o texto poético, com destaque para a poesia alagoana, e a relação entre a poesia e a música popular.

"A Poesia é a fundação do ser pela palavra?" (Heidegger)
Maria Heloisa Melo de Moraes. Também o poeta e ensaísta mexicano Octavio Paz, entre outros estudiosos, pensa assim. Para ele a poesia é "o verdadeiro fundamento da sociedade", é ela o ato pelo qual "o homem se funda e se revela a si mesmo". Penso que, devido ao seu afastamento em relação à linguagem formal da prosa, a poesia é a linguagem essencial, a linguagem da liberdade – embora dito

dessa forma pareça estranho. Simplificando infinitamente a questão, é válido observar a relação das crianças e das pessoas de pouca escolaridade com a poesia, que se manifesta na forma como se identificam com a linguagem poética através de um de seus componentes, a rima, em suas canções folclóricas e religiosas, por exemplo. Voltando a Octavio Paz, "é inconcebível a existência de uma sociedade sem canções, mitos ou outras expressões poéticas", ou seja, é inconcebível uma sociedade sem poesia.

"Nem sei se é meu, se de outrem, o acenar da loucura com mão de poesia" (Cecília Meireles). A associação entre poesia e loucura não está presente apenas na fala da grande poeta Cecília Meireles. E ao nos referirmos à loucura não estamos falando apenas da doença ou situação psiquiátrica, mas também do absurdo, da transgressão, estes elementos tão presentes no texto poético. É dessa forma que loucura e poesia andam lado a lado. É célebre a frase de Mario Quintana: "A diferença entre um poeta e um louco é que o poeta sabe que é louco... Porque a poesia é uma loucura lúcida". O filósofo Gaston Bachelard também vai por esse caminho: "O que vem a ser um belo poema senão uma loucura retocada?". E nas palavras do poeta Manuel de Barros: "Poesia é a loucura das palavras". Talvez seja a liberdade do dizer poético, aproximada da liberdade de linguagem daqueles considerados loucos, bem como a situação de marginalidade de ambos – poeta e louco – em relação ao que socialmente se considera como "lucidez", que estabelece essa proximidade. Ou, enveredando por outro viés dessa questão:

não seria loucura insistir em fazer poesia neste mundo absolutamente pragmático em que vivemos?

"Falta original, objeto perdido sempre alucinado, vazio produtor de objetos segundos, originários e não originários, construídos e reconstruídos: esta é a essência do fantasma psíquico e da ficção literária" (Sarah Kofman)

Embora por caminhos diferentes, a teoria psicanalítica e a ficção literária têm no inconsciente humano a sua essência. Enquanto a psicanálise o faz cientificamente, pelo estudo das estruturas psíquicas, o escritor expressa pela via da sublimação essa falta do objeto perdido irrecuperável, fazendo-o por meio de seu estilo próprio, da escolha de seus temas e enredos. Na gênese da criação literária estaria, pois, o fantasma psíquico de cada escritor. Sobre isso é válido lembrar que Freud salientou que, diante do ato criador, a psicanálise teria de depor suas armas interpretativas.

"Não me queiram prender como a um inseto/ no alfinete da interpretação./ se não me podem amar, me esqueçam./ Sou uma mulher sozinha num palco, / e já me pesa demais todo esse ofício." (Lya Luft)

Vejo nessas palavras de Lya Luft um de meus grandes dilemas enquanto professora e amante da poesia. Sempre insistia com meus alunos, principalmente em relação ao poema lírico, que a poesia, pelo seu caráter eminentemente subjetivo, deveria ser antes de tudo sentida emotivamente pelos leitores. No entanto, em minhas aulas e em meus escritos de crítica literária, o que faço é usar o "alfinete da interpretação". Eis a contradição: poesia é emoção, sentimento; mas o

PORQUE HOJE É SÁBADO. Arriete Vilela entrevista a professora alagoana Maria Heloisa Melo de Moraes, autora de, entre outros, *Cor, som e sentido: a metáfora na poesia de Djavan*

que fazemos nós, os críticos, os professores, senão tentar decifrar, explicar, esmiuçar esse "ofício" dos poetas? E quantas vezes os "prendemos" em nossa visão pessoal de sua obra?

"[...] Amar / É perder o tom / Nas comas da ilusão / Revelar / Todo sentido / Vou andar, vou voar / Pra ver o mundo / Nem que eu bebesse o mar / Encheria o que eu tenho de fundo..." (Djavan)

Em minha percepção dessa canção de Djavan – da canção toda, e não apenas do fragmento aqui transcrito –, vejo não apenas o amor erótico, sempre tão presente em suas criações, mas, principalmente, seu amor pelo ato de criar. Para mim essa canção é a atualização do mito de Orfeu, que seduzia até as pedras com sua canção, como fazem os orfeus contemporâneos, seduzindo multidões com seus cantos, buscando inspiração na natureza – o mar explicitamente, nessa canção do compositor alagoano –, no ser amado ou em qualquer outra coisa. E, dessa forma, retomando a união original entre a poesia e a música. Mas, sendo a poesia um texto aberto, temos nesses versos também a contradição do amor que, ao mesmo tempo que nos faz "perder o tom", também costuma "revelar todo o sentido".

"Dizer que a língua culta é um instrumento de dominação das elites é uma ortodoxia política e um obstáculo para o país" (Evanildo Bechara)

Este é um tema controverso. Não vejo a língua nacional como um instrumento de dominação das elites; vejo-a como um fator de soberania nacional e de união. Afinal, num País continental como o nosso, falar-se uma única língua é algo admirável. É claro